

## ***Umberto Eco e seu pêndulo***

Alfonso Berardinelli

*O centro do mundo, onde se amontoam todas as suas imundícies*  
Franz Kafka

Que todos saibam e que fique claro: sou um defensor, um admirador de Umberto Eco e não tenho nada contra ele. Em outras palavras: não o invejo. Não gostaria de estar no seu lugar. Ele se encontra em um lugar tão central da cultura do mundo, ele está tão no centro da atualidade da cultura atual, que tudo converge e, por assim dizer, se precipita na direção dele e sobre ele, sobre suas obras e sobre seus romances.

Eu disse romances? Umberto Eco escreveu até agora apenas um único romance e, no entanto, não sei por que, é como se tivesse escrito dez. Realizou um milagre, ao seu modo. Multiplicou ao infinito a sua primeira obra como em um vertiginoso jogo de espelhos. Foi capaz de identificar o ponto arquimediano (estou certo?) no qual um único objeto-livro é instantaneamente espelhado cem, mil ou mais vezes, de forma tal que qualquer um, de qualquer lugar e ponto de vista que se coloque ou se encontre, não consegue ver outra coisa a não ser aquele livro.

Comigo se dá o mesmo. Não consigo ver, encontrar um lugar, um ponto de vista, um ângulo de mundo, por menor que seja e por mais escuro e escondido que esteja, do qual ele e seu livro não sejam vistos, não estejam no vértice e no centro de todo o mundo literário e cultural. No centro porque o mundo é redondo. E no vértice porque o mundo é também, contemporaneamente e sem contradição, um triângulo dotado de ângulos escuros e de um vértice luminoso.

Como já disse, eu o admiro. E acho importante frisá-lo, contra os bisbilhoteiros e contra todos aqueles que estão sempre maliciosamente prontos a pensar o pior de quem quer que seja, e, portanto, de mim também. Que eles não pensem que invejo Umberto Eco. Repito isso por escrúpulo e amor pela exatidão: não invejo Umberto Eco, nem nunca o invejei. Não consigo ver com maus olhos a ele nem o que ele faz. Vejo-o com bons olhos, aliás, eu o vejo até bem demais.

Eu o vejo sempre tão bem que às vezes me dá quase vontade de não vê-lo mais. Um pouco envergonhado, em certos momentos de fraqueza, ponho-me a imaginar, de forma totalmente espontânea, como seria o mundo sem os romances de Umberto Eco. Mas não consigo. A minha imaginação não consegue. E assim, aonde quer que eu vá ou me encontre sem ter feito movimento, me deparo com ele. Eu o vejo e o leio nas listas dos mais vendidos, nas vitrines. Todos falam dele, todos o apreciam, invejam e gostam dele. Gostam tanto dele que o invejam. Gostam tanto dele e o apreciam a tal ponto que gostariam de estar no lugar dele. (Não, eu não gostaria de forma alguma de estar no lugar dele!). Ele trabalha, se esfalfa, sua. Ele sua e sempre suou pelo seu pão e pelo seu nome. Ele jamais

ficou preguiçosamente parado, de braços cruzados, olhando as nuvens. Ele sabe e sempre soube como usar e investir o seu tempo. *Ars longa, vita brevis*. Leu e aprendeu: ah sim! Quanto ele leu e aprendeu! À espera do seu segundo romance – que ficou por tanto tempo envolto em mistério e, de repente, veio à luz, sob um círculo de luz ofuscante porque para ele convergem todos os refletores culturais do mundo inteiro – à espera, eu dizia, das primeiras e proibidíssimas (e finalmente concedidas) antecipações indiscretas do seu novo romance tão esperado por todos em todo o mundo, uma publicação semanal muito próxima e querida dele, que se chama *L'Espresso*, fez com que um conhecido e competente professor de história, Giuseppe Galasso, explicasse em um artigo o que foi a ordem cavaleiresca dos Templários, apenas porque saber alguma coisa sobre os Templários seria útil para entender melhor o romance de Eco.

E assim sabemos já que lendo Umberto Eco iremos aprender sempre muitas coisas novas, muitíssimas coisas, apenas uma a menos que o diabo (somente o autor em pessoa sabe uma a mais que o diabo; mas assim, no final das contas, a diferença será mínima: entre saber uma a menos e saber uma a mais, a diferença será apenas de dois pontos, e entre autor e leitores teremos encurralado também o diabo, o qual estará, sem dúvida, entre nós muito mais do que já esteve antes).

Preliminares, míseros preliminares! Agora estamos bem além, bem à frente de tudo isso. Antes que o romance de Eco, o novo romance de Eco, estivesse nas livrarias para ser apresentado à Feira do Livro de Frankfurt de 1988, o periódico de cultura mais próximo a ele e mais querido por ele (mas qual outro periódico do mundo não teria feito o mesmo? Querido e próximo a todos, a todos os adidos culturais e responsáveis pela informação é esse autor italiano do qual até Dante ficaria orgulhoso, porque graças a ele vende algumas cópias a mais da sua chamada *Divina Commedia*), enfim, ainda *L'Espresso* publicou uma reportagem exclusiva para seus leitores, ou seja, publicou em “primeira mão mundial” o primeiro capítulo do segundo romance de Eco. Logo que fiquei sabendo, corri à banca para agarrar com exclusividade esta pré-estréia absoluta. Ignorei todo o resto. Apenas uma meta diante de mim: o primeiro capítulo do segundo romance de Eco, que se chama *Il Pendolo di Foucault*.

Não sou um fanático, sou um admirador leigo. Não tenho mitos. Não acredito na existência de Deus nem em Papai Noel. Mas acredito em Eco, acredito que ele exista realmente.

Antes de pronunciar-me, porém, sobre esta nova obra do meu ídolo, que não invejo, tenho que me certificar pessoalmente.

Diz *L'Espresso*:

Romance de suspense político? Thriller filosófico? *Il Pendolo di Foucault*, o esperadíssimo romance do autor de *Il nome della rosa*, permanecia um mistério apesar das indiscrições. Agora não mais. *L'Espresso* publica uma pré-estréia mundial: o primeiro capítulo.

Efetivamente tem que ser assim: basta o primeiro capítulo para dissipar o mistério. Lido o primeiro capítulo, tudo ficará claro. Não haverá nada mais a ser descoberto. *L'Espresso* diz isso e eu me sinto fortemente induzido a acreditar.

Leio a primeira frase desse primeiro capítulo e me sinto logo um pouco desiludido. A frase de fato soa apenas assim: “Foi então que eu vi o Pêndulo”. É pouco, diria, para um leitor de Umberto Eco, para um *partisan* e um aficionado de *Il Nome della Rosa*. Você não acha? No primeiro romance, a primeira frase soava muito melhor, não consigo tirá-la da cabeça de tanto que me atingiu: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus”. Magnífico ataque, *incipit* sublime! Ninguém poderia ter feito melhor, nem mesmo Deus em pessoa, se tivesse escrito de próprio punho.

Logo em seguida, se cai de imediato em uma linguagem de manual de física e de geometria. O narrador está em êxtase desde a primeira linha, de forma que a ciência é precedida pelo entusiasmo pela ciência, como se nos encontrássemos diante de uma página do Calvino mais tomado pela fixidez das suas contemplações pitagóricas e galileanas. Calvino, mas o que estou dizendo! Não é na estrada de Calvino que Umberto Eco se coloca. É na estrada de Del Giudice, um escritor mais jovem, que decidiu solicitamente se colocar na estrada de Calvino. É uma apenas ou são muitas, ou são infinitas as estradas de Calvino? As estradas que partem de Calvino e levam sempre de novo a Calvino?

É, sem dúvida, preciosa a herança que Calvino deixou.

A herança, quero dizer, do seu público de leitores. Um público treinado ao longo de algumas décadas a reconhecer nele uma série de sinais claros (leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade). Estes sinais calvianianos, Umberto Eco, bom intérprete de sinais, tomou-os como bons e certos. A combinação de ciência e mistério! A enumeração e o silêncio! E eis que o pêndulo de Eco começa logo a oscilar. Com dantesca e paradisíaca regularidade, com a perfeita mistura, portanto, de argúcia racional e de emotivo entusiasmo, Eco nos introduz nos mistérios da íntima, onipresente e inapreensível razão racional e mística que regula a harmônica redondeza do mundo. Regularidade, redondeza e perfeição que o levam ao êxtase. É essa a aspiração de Eco. É já isso está próximo de sê-lo. Perfeição, redondeza, regularidade. Vencer com a regularidade do seu movimento pendular a resistência da matéria e qualquer outra resistência. Mover-se sempre regularmente. Mover-se conforme uma regra misteriosa e sempre igual: oscilar de modo regular pela eternidade. Dizer isso, mas também aquilo. Dizer uma coisa, mas também o contrário. Mostrar à humanidade o encanto de uma mente pendular, regulada em todo o seu pensamento pela relação entre a raiz quadrada do comprimento das distâncias percorridas pelo seu nome ao “pi” grego, que liga necessariamente o cansaço desperdiçado ao consenso despertado.

Pouco a pouco, assim, sinto que dessa vez também Umberto Eco está no centro. A cada frase que leio sinto brotar dentro de mim, espontânea e fresca como um riacho dos Alpes, a exclamação: “Aqui está tudo, aqui está tudo!”. Umberto Eco é uma cabeça enciclopédica, racional, ponderada, prudente e audaz, conseqüencial e intuitiva, lúdica, mas responsável, moderna, mas antiga. Um anjo com o computador. Um computador que incorporou e colocou em programa um anjo. Nada mais justo. A nossa civilização, para sobreviver, precisa exatamente disso, que as duas mitologias da perfeição façam aliança e se unam. Capaz de intuição como um anjo saído diretamente das mãos de Deus, e dos cálculos mais complicados como um super-Contador que não desperdiça os efeitos, que não faz nada por acaso.

Umberto Eco entendeu uma coisa que compreende todas as demais. Nós todos somos alunos, somos seus alunos. Todo o mundo, toda uma vasta região do mundo que

importa, e que compra os livros, é feita de alunos, de estudantes, de frutos bem sucedidos ou não, da Escolarização Universal. Cultura é escolarização. O livro exemplar no nosso tempo, se o nosso tempo tivesse que escolher o seu livro exemplar, seria um livro de escola, um manual, algo que serve para passar nas provas, para responder aos jogos televisivos, para responder às perguntas de um examinador, para causar uma boa impressão, para passar de ano.

Quem quis insinuar que Eco seria o eco de algo? É falso! Eco não é o eco de nada. Quem raciocinasse assim se demonstraria vítima de uma velha e patética ilusão, à qual Eco é e demonstra ser imune. De fato, “não se escapa à revelação do idêntico, iludindo-se de poder encontrar o diferente” (Umberto Eco, *Il Pendolo di Foucault*, primeiro capítulo).

Sempre me acontece de ser tomado por uma espécie de aborrecimento quando me presenteiam com semelhantes pepitas preciosas de sabedoria. Os que denigrem Eco são metafísicos e românticos. São metafísicos porque pensam que atrás, *sub*, além de Eco, haja algo, algo de fixo, de substancial, de original, do qual Eco seria apenas o eco, a cópia, a reprodução, o simulacro, a degradação e a réplica e, no entanto, antes e além de Eco não havia nada, não havia nenhuma *sub-stantia*, nada que estivesse *sub*, nada de melhor. Não havia, antes, um *primum*, o original não existe, como não existe Deus nem Papai Noel, e no lugar deles, simulacro de um simulacro, último que é sempre *primum*, cópia sem original, num mundo no qual tudo é cópia, está sempre Eco, para além de toda metafísica superstição. Eco sempre existiu.

Mas além de serem metafísicos, aqueles que denigrem Eco são também sentimentais e românticos, porque acreditam que exista o diferente, sonham em encontrar o Diferente. E, no entanto, estão necessariamente destinados a encontrar sempre e apenas o idêntico. Acreditam e esperam encontrar algo diferente d’Ele, e, no entanto, encontram sempre e apenas Ele: idade média e moderna, clérigo e libertino, teólogo e enciclopedista.

Mas toda vez que se cai na armadilha de seguir enumerativamente a vertiginosa pluralidade da mente de Eco, se acaba por ter que desistir derrotado: estamos frente ao inesgotável. Qualquer enumeração não seria senão uma reprodução da enumeração que a obra de Eco é já em si e por si mesma. Enumerações sintéticas e reduzidas soariam pleonásticas e supérfluas. Pois é, Eco enumera. Se eu também me pusesse a enumerar tudo aquilo que ele enumera não faria nada mais do que lhe fazer eco.

E mesmo assim estou tão enfeitiçado por tudo o que Umberto Eco é capaz fazer comparecer nesse primeiro capítulo do livro que tenho que, *pro memoria*, tentar fazer um índice. Lendo Umberto Eco se é logo tomado, de fato, pelo instinto de almoxarife. Quer-se acumular, conservar e trancar tudo a chave. Como ele.

“Foi então que vi o Pêndulo”. Enganei-me ao subestimar este início. Na verdade não se pode ler uma frase semelhante sem esfregar as mãos, na condição de leitores. Ah, como me sinto inteiramente *lector in fabula*. Aquele *foi!* Aquele *então!* Aquele *vi!* Aquele *Pêndulo!* Tudo é tão...tão remoto, tão natural, tão visual, tão científico, tão fálico!

Foi. Então. Que. Vi. O. Pêndulo. O mistério e a força evocativa do pretérito perfeito (*foi*). A peremptória determinação do advérbio de tempo (*então*). A vívida presença da revelação direta em primeira pessoa (*vi*). E enfim a Coisa que dá nome ao livro, aquele inefável objeto esférico em oscilação, luzente e implacável como uma lei absoluta instalada

no coração daquilo que é transitório e relativo: o mundo terrestre. Mundo terrestre percebido na sua colocação celeste.

Seguem, depois, enciclopedicamente falando, muitíssimas coisas: a raiz quadrada, o “pi” grego, a unidade, a dualidade, a perfeição do três, a natureza tetragonal do quatro, a perfeição do círculo! Um pouco de geografia das migrações pré-históricas. O Centro do Mundo. O Templo de Salomão. O Pólo. O Ponto Fixo da eternidade acima das galáxias. O sistema solar, as nebulosas, os buracos negros. O Plano, a Conspiração Universal. O Acaso, a Verdade. A Verdade descoberta por Acaso. A chave para o retorno. O mistério da ogiva, as colunas que empurram para o alto os espigões e os espigões que empurram para a terra as colunas. Os insetos e os répteis jurássicos. Os carros com os seus motores, os aviões com as suas hélices. A Razão e a Tradição, a Ciência e a Sabedoria. A Revelação e a Informação. Francis Bacon e a Citróen. A estátua da Liberdade e a *Lusitania*. Céu e Terra. Motores e igrejas góticas. O motor a gás de Lenoir e a máquina de Watt. Empédocles no Etna, James Frazer em Nemi, Sam Spade e *O falcão maltês*. A Idade Média árabe e o século das Luzes. Éon, o demiurgo e o arconte. Rue Vaucanson e rue Montgolfier. Respiração profunda e concentração. Simsum e Tiqqun, solidão e retorno.

Enfim o protagonista e narrador. Curioso e empreendedor. Procura algo, algo escondido a ser desvelado. Como Indiana Jones, arqueólogo, aventureiro e investigador, o protagonista-Eco pratica o autocontrole e a erudição, é um homem racional que conhece o mundo das Ciências ocultas. É, resumindo, o homem ocidental europeu e americanizado no modelo de Sam Spade, que resolve enigmas e rébus. Que observa, indaga, interpreta, se esconde, desafia as trevas.

O lugar é bem escolhido. O Museu parisiense das Artes e Mistérios, museu revolucionário instalado dentro de uma abadia gótica, diante da qual se erigiam no passado a torre e as fortificações da Ordem monástica-cavaleiresca dos Templários.

Aqui também está tudo. O que mais falta? O Templo, a Abadia, o Museu. A devoção cristã, a guerra santa, a ciência aplicada, a revolução iluminista. Em Paris. No centro cultural europeu mais prestigioso e durável (até hoje, ou até ontem). Paris, cidade-museu da velha Europa. Paris, a única capital europeia que os americanos realmente veneraram e amaram intensamente. Paris que foi a síntese, aos olhos dos americanos, do melhor da cultura europeia.

Umberto Eco, este escritor instintivamente programado, quando escreve sabe sempre o que está fazendo. Segue um programa bem exato, um método rigoroso. Os seus princípios são três. Princípio esotérico. Princípio econômico. Princípio estético.

1. O *princípio esotérico* (ou teológico, ou cosmológico, ou simbólico, ou místico) diz que: o Todo está na Parte, Deus está no Mundo, o Sentido Total está no Particular Insignificante, o Leão se reconhece pela Unha, a Verdade está no Detalhe, a Doença está no Sintoma, a Vida está na Célula, o Cosmos está no Átomo, a Necessidade está no Acaso, o Livro está na Ficha, e, portanto, não importa de onde se parte, não importa onde se chega, tudo está bom para começar, não se joga fora nada, toda ocasião é boa, todos os caminhos levam a Roma.
2. O *princípio econômico* deriva diretamente, sem desperdício e, por razão de economia, do princípio teológico. Sem divagação soa assim: ganho máximo com despesa

mínima. Se se trata de escrever um livro, dentro daquele livro devem estar, no modo mais aproveitável, todos os livros.

3. O princípio estético deriva tanto do teológico quanto do econômico. A obra de arte deve ser feita de tal modo que nela se possa ir do centro ao círculo e do círculo ao centro. Nela o 'Todo está nas Partes, pela Unha se reconhece o Leão, não se desperdiça nada, a Enumeração (princípio da vanguarda e do caos) se compõe numa Estrutura (princípio clássico e ordenador). A enumeração também é a seu modo uma estrutura, a estrutura da enumeração, e a estrutura é, por sua vez, uma ordem, dada à enumeração. Clássico e de vanguarda se espelham, e assim, Antigo e Moderno, Ordem e Caos, Laico e Religioso, Tomás de Aquino e James Joyce.

Mas nunca se lê Eco sem aprender algo mais. Não saímos nunca incólumes de sua leitura. Assim, dos três princípios que guiam Umberto Eco, eu aprendo logo um quarto princípio: o *princípio crítico*, que me permite ler justamente, no modo mais adequado e congruente, o seu romance. Extraindo tudo da análise da primeira frase do primeiro capítulo, chamada também *incipit*, percebo que estou em dia com os Três princípios que acabamos de enunciar. Na primeira frase está tudo: e isso, do ponto de vista teológico, econômico e estético, é irrefutável. O Sentido Total da obra está na sua primeira frase. Analisando esta frase economizo tempo mesmo colocando em campo tudo o que sei. Trato a frase, que é uma microestrutura, como uma unidade na qual se lê a macroestrutura. Este romance é certamente uma enciclopédia. E esta enciclopédia é narrada como um romance. Unir o Útil ao Agradável, *miscere utile dulci*. Não se volta de mãos vazias. Com Eco aprendi tudo o que tinha para aprender. O mundo é redondo: e por mais que se distancie do lugar onde se está, sempre se retorna ao ponto de partida.